

A ATUAÇÃO DO HOMEM NA DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

Murilo Rocha Ferreira

Licenciado em Pedagogia e Bacharel em Direito. Especialização em Docência Universitária pela FABEC. Professor na Rede Municipal de Senador Canedo/GO
muriloadvog@gmail.com

Ivanilton José de Oliveira

Doutor em Geografia Humana pela USP. Professor Associado do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás.
oliveira@ufg.br

Resumo

Embora seja uma área com predominância de mulheres, a docência na educação infantil apresenta recente inserção de homens pedagogos. Essa relação, muitas vezes, gera discriminações com a atuação junto às crianças da primeira etapa da educação básica, manifestas na comunidade escolar. O presente estudo visa apontar os conceitos que norteiam a existência de possíveis preconceitos e/ou a prevalência de estereótipos entre educadores e comunidade escolar quanto à presença do homem no papel de docente na educação infantil. Tal constatação é um reflexo da divisão sexual do trabalho nos moldes da que é apresentada por Hirata e Kergoat (2007), designando ao homem a esfera produtiva e à mulher a esfera reprodutiva, que se vincula a concepção do educar e cuidar, indissociável do processo educativo infantil. Convém lembrar que, para as crianças, a presença desse professor nas escolas pode ser visto como uma atividade a qual podem vir a escolher futuramente, independente de gênero, por ser uma profissão que cabe tanto para o homem quanto para a mulher.

Palavras-chave: Educação Infantil. Homens na Docência. Preconceito e/ou estereótipos.

The man's performance in teaching of child education in Brazil

Abstract

Despite female professionals being predominant in this field, teaching in early childhood education started to include male educators. However, this relationship often generates discrimination among workers at the first phase of elementary school, and is also manifested in the school community. The

present study aims to point out the concepts that guide the existence of possible prejudices and/or the prevalence of stereotypes among educators and the school community regarding the presence of men in the role of teaching in early childhood education. Such finding is a reflection of the sexual division of labor along the lines presented by Hirata and Kergoat (2007), designating the productive sphere for men and the reproductive sphere for women, which is linked to the concept of educating and caring, inseparable from the children's educational process. It should be remembered that, the presence of a teacher in schools can be seen as an activity that they may pursue as their own careers in the future, regardless of gender, as it fits both men and women.

Keywords: *Early childhood education. Men in Education. Prejudice and/or stereotypes.*

Introdução

As relações entre gênero e trabalho docente, com foco no papel do homem na educação infantil, vem sendo mais discutidas no Brasil nas últimas décadas. Reconhecida como um universo tradicionalmente feminino – algo que instituiu um modelo conceitual (estereótipo) –, a presença de homens exercendo a docência na educação infantil causa certa estranheza, o que mostra a manifestação de atitudes preconceituosas quanto ao papel do homem no trato com crianças pequenas e a possibilidade de desvios de conduta.

É preciso buscar em fatores históricos, sociais e econômicos o auxílio para identificação da existência de preconceitos ou estereótipos acerca da atuação do homem na educação infantil, e o que pode motivar a prevalência desses argumentos ainda nos dias atuais.

Mas o que pode gerar tais preconceitos? E por que o estereótipo acerca do papel da mulher na lida com crianças pequenas é prevalente na educação? Como se manifestam tais atitudes no dia a dia de uma unidade de ensino da rede pública de ensino?

Ao professor homem não é atribuída a alcunha ou a permissão de ser “carinhoso” com crianças e, desta forma, ele não se enquadraria no perfil necessário para atuar como pedagogo na educação infantil. Indaga-se, então, sobre quais seriam as restrições que se apresentam ao exercício da docência na educação infantil por pedagogos homens? Frente a todo o exposto, como extinguir, ou ao menos inibir as

possíveis atitudes estereotipadas ou preconceituosas em relação ao exercício pleno deste trabalho por parte dos homens pedagogos?

Investigar essa problemática é algo relevante, tendo em vista o importante papel do homem na construção social e psicológica da criança. Além da possibilidade de desconstrução dos discursos que sustentam os estereótipos e podem motivar as ações preconceituosas em relação à presença masculina na educação infantil.

O desenvolvimento da educação infantil

A educação está presente na vida do ser humano desde os primórdios. A primeira ocorrência desse fato se dá com comunismo primitivo, com a divisão de tarefas para colheita em que "os homens apropriavam-se coletivamente dos meios de produção da existência e nesse processo educavam-se e educavam as novas gerações" (SAVIANE, 2007, p. 154), e surgimento de uma classe dominada e uma dominante, em que esta última dispunha de tempo livre. Em contrapartida, a classe dominada era a responsável pelo trabalho como condição de vida. Surge, assim, o primeiro registro do vocábulo "escola".

Segundo o Dicionário Etimológico¹,

Este vocábulo já era usado pelos gregos. Na língua dos helenos, o vocábulo skholê, ês significava "descanso, repouso, lazer, tempo livre; estudo; ocupação de um homem com ócio, livre do trabalho servil, que exerce profissão liberal, ou seja, ocupação voluntária de quem, por ser livre, não é obrigado a; escola, lugar de estudo";

Este vocábulo já era usado pelos gregos. Na língua dos helenos, o vocábulo skholê, ês significava "descanso, repouso, lazer, tempo livre; estudo; ocupação de um homem com ócio, livre do trabalho servil, que exerce profissão liberal, ou seja, ocupação voluntária de quem, por ser livre, não é obrigado a; escola, lugar de estudo";

Hoje, a escola possui uma função muito mais ampla, em que a criança já detém diversas proteções que a consideram como cidadão, dotado de direitos e deveres, e passa a ter seu papel fundamental na formação da sociedade, passando a ser tratada como um ser particular. O profissional, seja homem ou mulher, não mais detém o centro do conhecimento, e a educação passa a ser construída juntamente com a criança.

¹ Disponível em <<https://www.dicionarioetimologico.com.br/escola>>. Acesso: em 10 jun 2019.

No Brasil, as primeiras creches surgiram no final do século XIX e início do século XX, com o intuito de assistir as crianças que viviam nas ruas ou eram abandonadas. Desta forma, caracterizou-se como uma relação de favor entre as associações provedoras e as famílias. Promovia-se a ideologia da família ao mesmo tempo em que se salientava a incompetência daquelas que se utilizavam das creches (HADDAD, 1991).

Com a sociedade em desenvolvimento, as instituições começaram a observar a importância da primeira infância e quais as obrigações que acarretariam aos órgãos governamentais, pois eles teriam que atender as crianças de 0 a 6 anos. Dessa forma, reconhecida pela Constituição Federal de 1988 e compreendida na legalidade, a educação infantil em creches e pré-escolas passou a ser dever do Estado e direito da criança, conforme consta no artigo 208, inciso IV (BRASIL, 1988).

A Resolução n. 5, de 17 de dezembro de 2009, que estabelece as Diretrizes Curriculares para a educação infantil (BRASIL, 2009), indica em seu Art. 5º. que

A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, é oferecida em creches e pré-escolas, as quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social.

A observação da atuação docente na educação infantil destaca uma realidade singular em relação a grande parte do mercado de trabalho no Brasil, pois há uma presença quase exclusiva de mulheres exercendo tal profissão.

A inserção do homem no âmbito educacional diretamente ligado à educação infantil é permeada por estereótipos e preconceitos em relação aos pedagogos homens. Neste contexto, afirma Sayão (2005, p. 16) que

São evidentes os preconceitos e estigmas originários de ideias que veem a profissão como eminentemente feminina porque lida diretamente com os cuidados corporais de meninos e meninas. [...] os cuidados com o corpo foram atributos das mulheres, a proximidade entre um homem lidando com o corpo de meninos e/ou meninas de pouca idade provoca conflitos, dúvidas e questionamentos, estigmas e preconceitos.

A problemática maior a ser debatida no presente estudo é a relação entre gênero e trabalho na educação infantil. De acordo com o artigo 29 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), conceitua-se educação infantil como a "primeira etapa da educação básica, [que] tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade" (BRASIL, 1996).

O fator etário desta etapa da educação básica é primordial para o estudo de possíveis preconceitos e estereótipos da atuação do homem na docência, uma vez que nesta idade (até os 5 anos) a criança demanda maiores cuidados íntimos, tais como como banho, troca de fralda, troca de roupa e acompanhamento em banheiro. Para Hirata e Kergoat (2007, p. 596), tais acontecimentos são reflexos de uma divisão sexual do trabalho a qual designa ao homem a esfera produtiva e à mulher a esfera reprodutiva, que se vincula a concepção do educar e cuidar, indissociável do processo educativo infantil.

E a inserção do homem nesse mercado gera conflitos com o conceito original daquela divisão sexual do trabalho, em parte pelo preconceito sobre a atuação em sala de aula, em especial na educação infantil, em que se constata certa restrição, supostamente em função do gênero, que afasta os homens de atribuições que envolvem contato direto com a criança, como os banhos e cuidados especiais.

Conforme observa Oliveira (2003, p. 80),

Outro ponto recorrente sobre a presença masculina na educação dos pequeninos é que sua masculinidade é colocada a prova, como se homem não pudesse desenvolver tarefas semelhantes a mulher num reduto em até outrora fora predominantemente povoado por mulheres. Ora, se os direitos são iguais e a qualificação técnica através de graduação é a mesma para todos, independente de gênero, por que razão uma pedagoga mulher seria mais ou melhor que um pedagogo homem? E por que um homem pedagogo, portanto, licenciado para atuar na educação infantil seria mais ou menos homem? Pela escolha de sua profissão? Tais pontos, questionamentos, desconfianças infelizmente ainda existem até hoje e talvez seja esse um dos principais motivos para ainda haver escassez de homens atuando na educação infantil.

No Brasil, a discussão de gêneros ainda preserva um viés sexista em relação à educação das crianças. Logo, torna-se necessário repensar os valores culturais da

sociedade no que tange aos anseios da educação. Há a necessidade de refletir sobre a evolução social que se dá durante o processo educacional. Silva (2014, p. 49) analisa que

A escola da educação infantil, seus professores e todos os envolvidos na unidade escolar, na rede de ensino, é espaço para refletir na desconstrução de que esse espaço é feminino e que a presença de um homem é ameaçadora, incompatível com a realidade: um fracassado trabalhador da indústria ou do comércio que tenta a sorte num trabalho mais "leve" de olhar crianças.

Com a proteção do Estado, a educação infantil passa a ter uma importância mais notória, deixando de ser analisada apenas com a função do cuidar, e atingindo patamares educacionais voltados ao desenvolvimento da criança em toda sua trajetória, incluindo a função do educar. Nesse contexto, o pedagogo passa a atender a uma função mais técnica no cuidado com as crianças, não mais se limitando ao "cuidar".

Portanto, a educação infantil é responsável por ajudar a família na educação da criança, mas deixando de lado conceitos antigos e também se comprometendo com a Pedagogia da Infância, valorizando a cultura e os aspectos sociais das crianças e suas particularidades como sujeito de direitos. Vale ressaltar que o educar e o cuidar são complementados pelas instituições que também passam a promover os desenvolvimentos físicos, sociais, psicológicos e intelectuais da criança.

O papel do professor homem na educação infantil

Os desafios enfrentados por homens na docência na educação infantil têm dificultado a valorização do profissional homem da educação. Por mais que a literatura abordando o tema venha ganhando relevância, ainda há lacunas quanto aos estudos que envolvem a atuação do homem na educação infantil. Muitas vezes é necessária a realização de releituras para entender o contexto em que o homem foi inserido na pedagogia e a forma em que é percebido em sua atuação. Smedley (2004), em sua obra *Men Learning to be Primary School Teachers*, contextualiza a forma em que realizou essa revisão:

Minha leitura da literatura, que em muitos casos são releituras de textos que li pela primeira vez a fim de explorar questões sobre gênero e professoras mulheres, é feita agora com novas e específicas questões em mente: como é a construção dos homens professores nesse contexto? Que compreensão do "estudo sobre homens na educação" poderia ser produzida pelo leitor? Eu vejo estes professores homens da educação primária como sendo invisíveis, tratados como um grupo indiferente, rotulado negativa e positivamente como não-mulheres, e construídos como vítimas de uma masculinidade "natural", vem sendo reprimidos por mulheres (SMEDLEY, 2004, p. 20, tradução nossa).

Estudiosos ainda não chegaram a um consenso quanto a conceituação plena do que seria o "gênero" para as abordagens científicas. Na visão de Scott (1995), o termo "gênero" é tido como um substituto do termo "mulheres", implicando uma tomada de posição sobre a desigualdade ou o poder, criando uma definição social das ideias sobre a atuação adequada para homens e mulheres. Para Scott (1995, p. 75-76), o termo

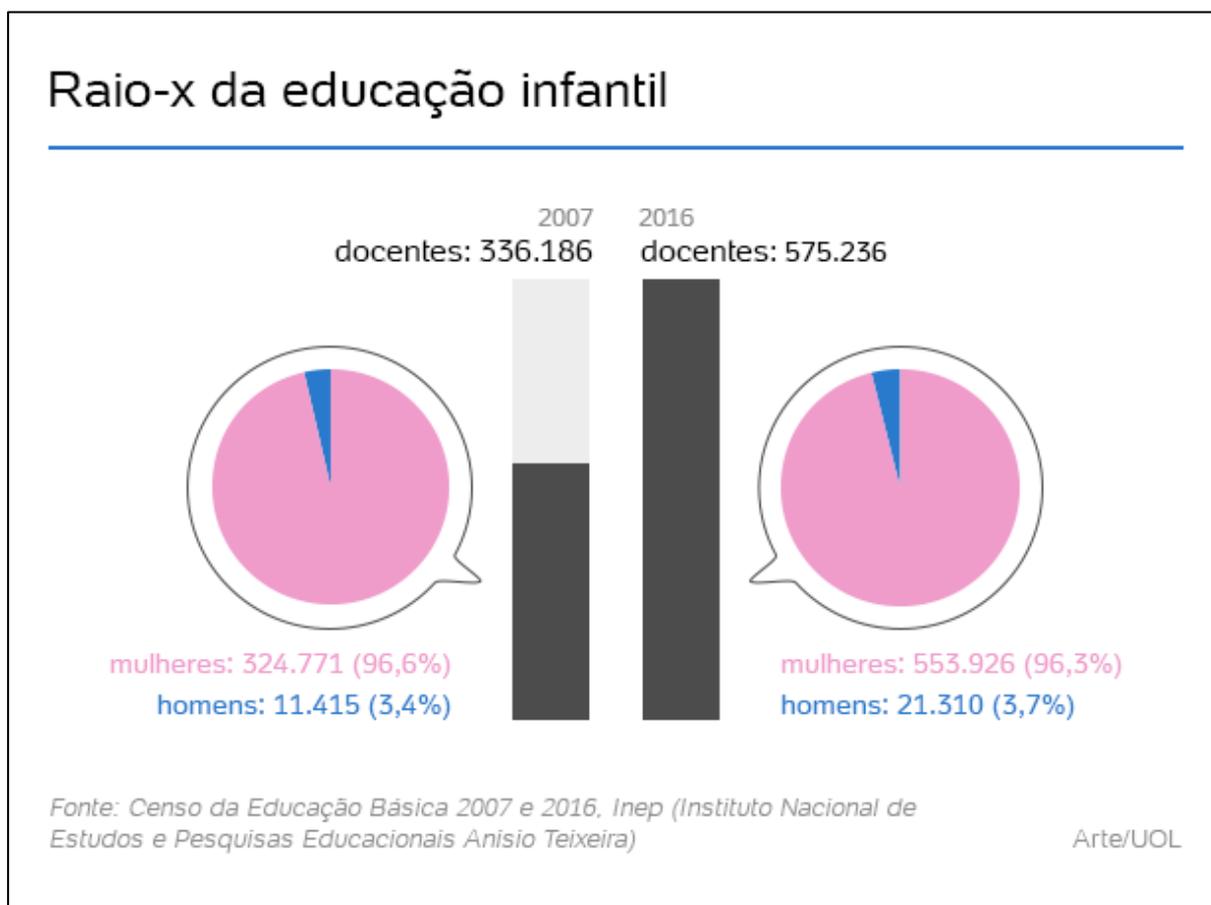
"gênero" é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos sobre sexo e sexualidade, "gênero" tornou-se uma palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens. Ainda que os/as pesquisadores/as reconheçam a conexão entre sexo e aquilo que os/as sociólogos/as da família chamaram de "papéis sexuais", esses/as pesquisadores/as não postulam um vínculo simples ou direto entre os dois. O uso de "gênero" enfatiza todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas não é diretamente determinado pelo sexo, nem determina diretamente a sexualidade.

Com foco nos centros de educação infantil, a presença de homens pedagogos ou auxiliares de atividades educativa, mesmo que em pequeno número, pode gerar em alguns casos um desconforto entre as famílias e a instituição.

É possível elencar tais argumentos com a análise, por exemplo, do Projeto de Lei nº 1.174, de 2019, pelo qual Janaina Paschoal, Leticia Aguiar e Valeria Bolsonaro, todas do Partido Social Liberal (PSL), "propõe a profissionais do sexo feminino a exclusividade nos cuidados íntimos com crianças na educação infantil", proposta esta justificada pela alegação de que "em virtude de os abusos praticados por homens terem efeitos mais danosos, em regra, os registros de estupros de vulneráveis mostram autores do sexo masculino" (SÃO PAULO, 2019).

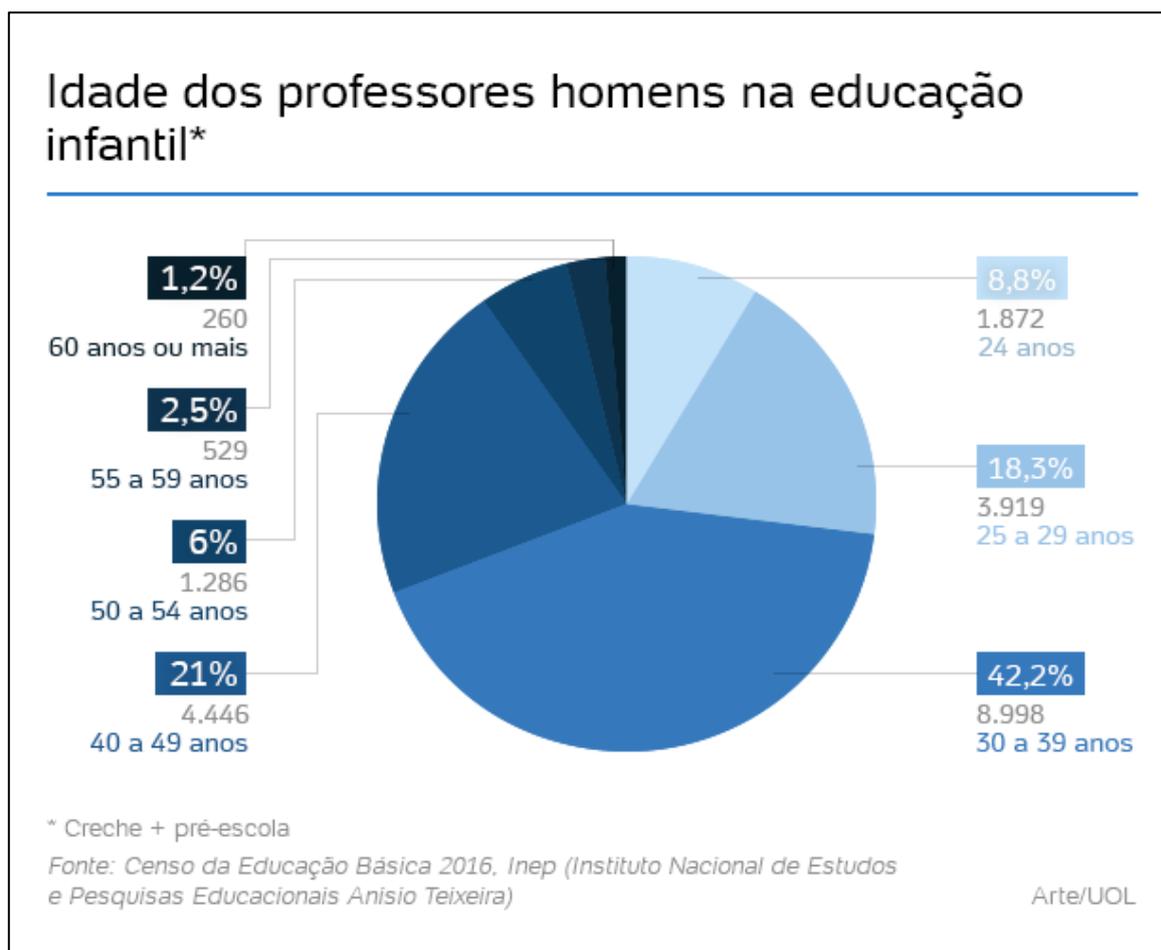
A presença do homem na educação infantil ainda é pequena. Segundo o último Censo da Educação Básica, divulgado em 2016 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), os homens ocupam menos de 4% das cadeiras docentes na educação infantil (Figura 1).

Figura 1 - Número de docentes na educação infantil no Brasil, por gênero, em 2007 e 2016



Ainda de acordo com o mesmo levantamento, há pouca presença de homens jovens nessas funções na educação infantil (Figura 2), o que denota pouca atratividade dos cargos para recém-formados.

Figura 2 – Idade dos professores homens na educação infantil no Brasil, em 2016



Muitas são as barreiras da aceitação do pedagogo homem na educação infantil. A inserção desses docentes homens nas unidades escolares tem ampliado um debate em relação às salas de aula regidas pelo pedagogo homem, lecionando para as crianças pequenas.

Cardoso (2007, p. 143) faz uma observação muito pertinente a esse respeito:

O número de homens trabalhando na educação com crianças, apesar de inferior ao das mulheres, não pode ser considerado insignificante ou desprezível. Do contrário, representa algo muito importante a se conhecer: afinal, quem são os homens que atuam como professores de nossas crianças, por que e como trabalham em uma profissão reconhecida como feminina?

Quebrar paradigmas e tabus no que diz respeito à presença do homem na educação infantil é de fundamental importância, mesmo que, em alguns casos, essa presença reforce o preconceito e a discriminação por parte da sociedade, e coloca em questionamento a masculinidade do professor homem.

De acordo com Oliveira (2003, p. 87):

A presença de homens atuando na docência infantil ainda nos dias de hoje para a faixa de 0 a 6 anos na educação infantil se apresenta como minoria, o que causa estranheza não só na escola, mas também na família, (sic) os mesmos sentem na pele ainda, diversas situações no curso de sua prática docente que os levam a questões como preconceito, desmotivação e desvalorização do trabalho.

Um aspecto relevante a ser destacado é o fato de que os concursos públicos para o exercício da docência na educação infantil são abertos a homens e mulheres. Logo, torna-se necessário reforçar a necessidade do aspecto profissional dessa atuação, que independe de gênero, etnia, credo etc., mas sobretudo de uma formação adequada dos pedagogos para lidar com o universo infantil. Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Básica (DCN), estas são as qualificações adequadas e esperadas dos(as) docentes em sua atuação:

- I - sólida formação teórica nos conteúdos específicos a serem ensinados na Educação Básica, bem como nos conteúdos especificamente pedagógicos;
- II - ampla formação cultural;
- III - atividade docente como foco formativo;
- IV - contato com realidade escolar desde o início até o final do curso, integrando a teoria à prática pedagógica;
- V - pesquisa como princípio formativo;
- VI - domínio das novas tecnologias de comunicação e da informação e capacidade para integrá-las à prática do magistério;
- VII - análise dos temas atuais da sociedade, da cultura e da economia;
- VIII - inclusão das questões de gênero e da etnia nos programas de formação;
- IX - trabalho coletivo interdisciplinar;
- X - vivência, durante o curso, de formas de gestão democrática do ensino;
- XI - desenvolvimento do compromisso social e político do magistério;
- XII - conhecimento e aplicação das Diretrizes Curriculares Nacionais dos níveis e modalidades da Educação Básica. (BRASIL, 2013)

Percebe-se que não há qualquer menção de "gênero" nas qualificações acima citadas. Ocorre, porém, para romper preconceitos socioculturais atuando na educação infantil, é preciso que as ações andem lado a lado com a compreensão dos sujeitos envolvidos no processo educacional.

Nesse sentido, Silva (2014) afirma que

O homem na educação infantil demora para firmar sua atuação profissional e conseguir envolvimento de toda a comunidade escolar, justamente por estarem “invadindo” um espaço historicamente dominado pelas mulheres o que rotineiramente acaba por levantar novamente uma discussão sobre a questão de gênero.

Diante disso, vale ressaltar que, independentemente do “gênero”, são profissionais que deveriam realizar seu trabalho com afinco. Durante esse processo de construção social, o contexto sócio-histórico do sujeito em questão pode revelar o potencial do professor pedagogo homem em atuar como um profissional preparado para lidar com as necessidades que a educação infantil estabelece.

Sabemos que em algumas instituições os cuidados pessoais da criança têm se tornado um momento constrangedor para esse professor, que em muitos casos não pode acompanhar a criança até o banheiro, sendo repassada essa função à pedagoga mulher, reforçando uma divisão sexual do trabalho.

Sayão (2005, p 85) faz uma transcrição de relatos de um professor de uma escola (Ivan), bem como o relato de uma diretora (Simone) sobre a atuação do pedagogo homem no banho:

Teve umas três mães que eram muito ligadas à diretora e que perguntaram como ficaria, por exemplo, se uma criança precisasse tomar um banho, alguma coisa, sendo uma menina. Como é que eu ia fazer? Eu disse: tem auxiliar. Se não tiver, eu vou dar um banho como se tivesse dando banho na minha filha ou na minha irmã. Até um pai perguntou: não é estranho? Estranho, é. Mas eu não posso fazer nada. Eu sou um profissional, eu não me formei em tarado sexual. Eu me formei em Pedagogia. (Ivan)

Puxa, será que está certo? Ele, um homem dando banho nas crianças, com tanta mulher esperando uma vaga, querendo trabalhar. (...) Eu me perguntava: porque ele está aqui com tanta mulher querendo trabalhar? Ele bem podia estar numa outra profissão. (Simone)

Nesse mesmo contexto, relata Ramos (2011, p 61) que:

[...] Para serem aceitos pela comunidade escolar, os homens na docência passam pelo crivo e pela vigilância dos adultos, especialmente quando a função no interior da instituição infantil exige a execução das funções relacionadas ao cuidado das crianças.

Vale ressaltar que a docência para homens na docência na educação infantil necessita de uma maior aproximação com as famílias e do total apoio da gestão escolar no intuito de atenuar as relações quanto a situação profissional dos homens na docência, e ressaltar sua competência e/ou habilidade para trabalharem com as crianças de 0 a 6 anos de idade.

Ao debatermos a questão de gênero juntamente à atuação docente, busca-se identificar se há vínculo entre ambos os termos que venham a contribuir para a criação de preconceitos e estereótipos ao pedagogo homem e se tal criação é reflexo de uma divisão sexual de trabalho que tenta limitar os nichos de atuação de cada um.

Considerações finais

Os preconceitos e estereótipos vivenciados por docentes homens na educação infantil são reflexo de uma cultura que permeia a sociedade brasileira, e de uma tradição escolar a ela associada, que não vê essa área como nata de tais profissionais, revelando mais um aspecto da divisão sexual do trabalho. Tendo em vista que, apesar das dificuldades enfrentadas por esses professores, não se pode negar o seu desempenho enquanto professor apenas pela questão de "gênero", pois o desenvolvimento da criança depende do direcionamento de quem está em regência de sala de aula e contribui para os aspectos sociais, afetivos, cognitivos e psicológicos dessa criança.

Nesse contexto, é provável que as crianças não desenvolvam tais preconceitos e/ou estereótipos, desde que motivadas a considerar a diversidade e igualdade de gêneros. As discussões em torno da temática compreendem conhecimentos do homem na docência e de sua mediação como educador e suas experiências educativas no auxílio com as crianças pequenas. Para tanto, a sua qualificação é de fundamental importância para que desempenhe a sua função com excelência e, assim, o gênero deixe ser identificado como fator relevante nessa definição.

Referências

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação básica** – Brasília: MEC, SEB, 2013.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação infantil** – Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular nacional para a educação infantil** – Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARDOSO, Frederico Assis. **Homens fora de lugar? A identidade de Professores Homens na Docência com crianças**. ANPED, 2007. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt23-3550-int.pdf>. Acesso em: 03 de abril de 2019.

GOIÂNIA, Secretaria Municipal de Educação. **Infâncias e Crianças em Cena: por uma Política de educação infantil para a Rede Municipal de Educação de Goiânia**/Secretaria Municipal de Educação de Goiânia: SME, DEPE, DEI, 2014. 232 p.

HADDAD, L. **A creche em busca de identidade**. São Paulo: Loyola, 1991.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

OLIVEIRA, Ricardo da Cunha. Docência masculina na educação infantil. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, ano 3, ed. 12, v. 1, p.80-94, dez. 2018.

RAMOS, Joaquim **Um estudo sobre professores homens da educação infantil e as relações de gênero na rede municipal de Belo Horizonte – M.G.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. 139f.

SÃO PAULO. Assembleia Legislativa. **Projeto de Lei (PL) nº 1.174/2019**. Confere a profissionais do sexo feminino a exclusividade nos cuidados íntimos com crianças na Educação Infantil e traz outras providências. Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/propositura/?id=1000292074>>. Acesso em 10 out. 2019.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política**. 33.^a ed. revisada. Campinas: Autores Associados, 2007.

SAYÃO, Thomé Débora. **Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: um estudo de professores em creches.** Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Florianópolis, 2005. 274 fls.

SCOTT, Joan W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação e Realidade, vol. 20, no 2, Porto Alegre, jul./dez. 1998, p. 71-99.

SMEDLEY, Susan May. *Men Learning to be Primary School Teachers.* Tese (Doutorado de Filosofia), Instituto de Educação. Universidade de Londres, 2004. p. 19-34.

SILVA, Claudionor Renato da. **Docência masculina na educação infantil: impressões de um iniciante.** Gênero e raça em discussão. Jundiaí, SP: Paco Industrial, 2014.

Submissão: Jan. 2020

Aprovado: Mar. 2020